

## RAZÃO E VERDADE NA CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marly BULCÃO

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### RESUMO

*O artigo tem como objetivo analisar a questão da verdade e da objetividade na ciência contemporânea. Para discutir esse tema retoma três epistemólogos da atualidade: Ferdinand Gonseth, Gaston Bachelard et François Dagognet. O idoneísmo gonsethiano pretende denunciar a ilusão de uma ciência estável, afirmando que todo conhecimento é construído a partir de um referencial. Bachelard, mostrando que as teorias contemporâneas são a expressão do novo espírito científico, ressalta que a ciência é resultante do trabalho de uma razão artesã que renova incessantemente o mundo. Dagognet como seu discípulo retoma as categorias bachelardianas, aplicando-as às ciências da vida. Os três pensadores apresentam um ponto em comum que é o fato de afirmarem que a ciência da atualidade possui novos parâmetros de verdade e de objetividade, o que significa dizer que não há conhecimento científico absoluto e definitivo.*

### RÉSUMÉ

*L'article a pour but d'analyser la question de la raison et de la vérité dans la science contemporaine. Pour discuter ce thème on reprend la pensée de trois épistémologues de l'actualité: Ferdinand Gonseth, Gaston Bachelard et François Dagognet. L'idonéisme gonsethien a pour objectif de dénoncer l'illusion d'une science stable, en soutenant que toute la connaissance est construite à partir d'un référentiel. Bachelard, en montrant que les théories contemporaines sont l'expression du nouvel esprit scientifique, affirme que la science est le résultat d'une raison artisanale qui renouvelle sans cesse le monde. Dagognet, comme son disciple reprend les catégories bachelardiennes pour les appliquer à la science de la vie. Les trois penseurs ont un point commun, parce que ils soutiennent que la science actuelle a de nouveaux paramètres de vérité et d'objectivité, ce qui veut dire qu'il n'y a pas de connaissance scientifique absolue et définitive.*

Uma fábula contada por C. Delacampagne num artigo publicado no *Le Monde*, intitulado: *"Sobre a natureza"* ilustra muito bem a situação na qual se encontra a ciência de nossos dias. Diz a fábula:

“Numa escura e nebulosa noite de inverno, o capitão de um navio aventura-se a cruzar um estreito cujo mapa ele não possui. Se destruir seu barco contra os rochedos, saberá o que o estreito não é. Se em compensação, conseguir

atravessá-lo, não terá, nem por isso, aprendido nada sobre o melhor caminho possível. Terá tido sorte, mas nunca saberá o que o estreito é.”<sup>1</sup>

No século XVIII, convivia-se com uma ciência confortável, de solidez inabalável, pois se apresentava como um saber preciso firmemente provado, demonstrado e experimentado. Acreditava-se, então, que o saber científico conseguia expressar fielmente o mundo fenomênico e suas leis.

Revoluções ocorridas no interior das teorias científicas a partir do século XIX, que resultaram no aparecimento das geometrias não-euclidianas, da mecânica quântica e da teoria da relatividade einsteiniana, vieram abalar a confiança ilimitada na razão científica, impondo a necessidade de se rever os critérios de verdade e de objetividade que serviam de fundamento para a ciência. Em *Le nouvel esprit scientifique* Bachelard afirma:

“É sobre o caráter imutável da estrutura geométrica que Kant funda a arquetônica da razão. Se a geometria se divide, o kantismo só pode ser salvo, inscrevendo os princípios da divisão na própria razão, ou seja, abrindo o racionalismo”.<sup>2</sup>

Para discutir a questão da verdade no contexto da ciência atual vamos retomar três epistemólogos da atualidade que, apesar de suas especificidades, assumem postura semelhante no que diz respeito a esta problemática. Em primeiro lugar vamos analisar o *idoneísmo* de Ferdinand Gonseth, filósofo contemporâneo, nascido na Suíça e autor de obra vastíssima, cujo propósito primordial é afastar a ilusão de uma ciência estável que resultaria da apreensão racional do mundo, fundamentada em princípios evidentes e plenamente assegurados. Em seguida, vamos discutir a epistemologia irreverente de Gaston Bachelard que, opondo-se às filosofias da ciência de sua época, pretende apontar os novos parâmetros de verdade e de objetividade assumidos pela contemporaneidade. Por último nos deteremos no pensamento de François Dagognet, que, sendo discípulo de Bachelard, retoma as categorias do mestre, aplicando-as na análise das ciências da vida.

Para esses pensadores, a ciência atual constitui verdadeiro ato prometeico no sentido de

que representa uma aventura em direção ao novo, ao imprevisto e ao inusitado. Seu desenvolvimento segue processo eminentemente dialético, pois fundamenta-se numa razão dinâmica e inconstante que supõe a riqueza da imaginação criadora.

A perspectiva epistemológica de Ferdinand Gonseth tem como objetivo primordial mostrar que a ciência não deve ser considerada um discurso constituído de significações plenas e invariantes. Para isso se vale das noções de idoneidade, de referencial e de metodologia aberta. Sobre o idoneísmo de Gonseth, diz Bachelard:

“Assim em relação ao passado do pensamento, como em relação ao seu futuro o esforço filosófico de Gonseth não é um eterno retorno às fontes do verdadeiro, mas uma eterna retomada. Consciência de retomar, de recomeçar rápido de recomeçar melhor, de recomeçar bem, heis o idoneísmo gonsethiano”.<sup>3</sup>

Para Gonseth, a ciência é idônea, o que significa que embora verdadeira, apresenta interpretações sempre incompletas e suscetíveis de serem completadas, reformadas ou retificadas. O princípio de idoneidade afasta a cadeia de necessidade que um método de pura racionalidade deveria fatalmente introduzir. Assim, o conhecimento não se confirma definitivamente, mas sim através de uma experiência aberta, na qual o pensamento aceita a eventualidade de sua própria revisão.

Segundo a epistemologia gonsethiana, a ciência se constrói a partir de uma situação de conhecimento dada para uma nova situação de conhecimento, sendo necessário ressaltar que o ponto de partida não é jamais uma situação zero, na qual os fundamentos estão definitivamente assegurados. O ponto de partida é, pois, uma situação de conhecimento, na qual os elementos de nosso saber prévio nos são dados de maneira imperfeita e incompleta. É nessa situação incompleta que vem se inserir as experiências, as observações e as reflexões que deverão preparar e permitir o programa do conhecimento.

A tese defendida por Gonseth é a de que todo conhecimento constitui um esquema, na medida em que não representa com absoluta fidelidade o real em toda sua riqueza. A teoria científica, sendo uma

forma de conhecimento é uma representação do real que simplifica, retendo deste, apenas alguns traços, o que significa que existirá sempre uma distância entre a realidade mesma e o conhecimento dessa realidade. Não se pode, pois, dizer que um determinado conhecimento científico é *verdadeiro*, pois isto significaria admitir que há uma identidade absoluta entre o saber e o real. Gonseth ilustra as dificuldades que a ciência encontra para expressar a realidade através de uma fábula sobre os possíveis caminhos que uma bola poderia percorrer para encontrar a saída de uma floresta densa cheia de árvores. O desenho que mostra como a bola chega à saída é um dos esquemas possíveis, assim como, a teoria científica é, também, uma das possíveis representações do real. Com isso Gonseth pretende demonstrar que, na verdade, existem diversos esquemas que podem se adequar a um mesmo objeto. Assim, no campo da ciência, torna-se necessário aceitar a teoria científica mais idônea, ou seja, aquela que no momento expressa melhor a realidade fenomênica, ao mesmo tempo, em que permite maior número de previsões. Daí a denominação de *idoneísmo* dada por Gonseth à sua teoria do conhecimento.

Pode-se concluir, então, sobre a provisoriabilidade das teorias científicas, pois sendo esquemático, o saber científico não é jamais definitivo. Um esquema pode ser sempre aperfeiçoado, havendo, momentos nos quais se torna necessário, até mesmo, substituir o esquema vigente por um novo, cuja idoneidade se impõe como mais precisa do que a do esquema anterior.

Isto nos conduz à visão dialética gonsethiana da história das ciências. Uma teoria que parece fundamentada em asserções plenamente asseguradas acaba sendo substituída por outra, cujos princípios contradizem aqueles da teoria anterior. Foi isso que ocorreu com a mecânica newtoniana que foi superada pelas mecânicas relativista e quântica.

Para Gonseth, embora a ciência tenha intenção de verdade e de objetividade, não é verdadeiramente objetiva, pois traz em si a marca daqueles que a constroem. Com o intuito de demonstrar tal asserção, Gonseth introduz a noção de *referencial* que segundo ele tem um papel esclarecedor em todas as situações nas quais se coloca a questão da verdade e da objetividade científica. Vejamos em que consiste o *referencial* para Gonseth:

“A palavra referencial significa o conjunto explícito ou implícito de preliminares, sem as quais tal ou tal atividade sistemática não poderia ter lugar”.<sup>4</sup>

A epistemologia gonsethiana mostra que todo sujeito, individual ou coletivo, traz em si um sistema integrado de referências que orienta seu comportamento e o ajuda a se situar no mundo. É importante salientar que o referencial gonsethiano é de natureza mais íntima do que os referenciais convencionais, pois faz parte integrante do sujeito, embora este não tenha consciência de sua existência. O sujeito possui um e-lã estruturante suscetível de se atualizar através da organização e do modo de funcionamento do referencial. O referencial não conhece repouso, sua tarefa é estimular a adaptação às transformações, às reestruturações ligando as informações recebidas através de novas estruturas ou novos referenciais.

Para Gonseth, toda teoria científica é tributária do referencial de seu autor e dos referenciais científicos que são os princípios, o método, as noções, etc. Nesse sentido, o referencial é o lugar de encontro do subjetivo e do objetivo, constituindo, portanto, um universo de mediação. Diz ele:

“Mediador existencial, o referencial realiza um equilíbrio (talvez se pudesse dizer) um equilíbrio entre o subjetivo e o objetivo, um equilíbrio que, as vezes, se estabelece, mas que em outras é capaz de desaparecer ou mesmo de se aperfeiçoar”<sup>5</sup>

Partindo da noção de referencial, Gonseth defende uma metodologia aberta e uma abertura à experiência. Essa metodologia aberta pode ser melhor compreendida se estabelecermos um confronto entre o que Gonseth denomina de filosofias fechadas e filosofias abertas. Segundo este pensador, “a estratégia de fundamento conduz a uma filosofia fechada tal como a de Descartes”. A filosofia fechada, seguida pela maioria dos filósofos, é aquela que constrói o conhecimento sobre o terreno da evidência e da certeza.

Mas a história das ciências, destruindo o sonho cartesiano de se fundamentar a ciência na evidência e na certeza, mostrou que era impossível almejar o saber definitivo. Hoje não reina mais o clima de absoluto, de necessidade e de aquisição

definitiva que prevaleceu no século passado. Nesse sentido, é necessário optar por uma filosofia aberta que mostre que o desenvolvimento da ciência não se dá pela simples descoberta ou pela aquisição de fatos novos ou de verdades que se integram ao conjunto dos resultados adquiridos.

O idoneísmo de Gonseth, como filosofia aberta, pretende mostrar que na história das ciências o novo que interessa não é o novo que se integra harmoniosamente à teoria vigente, mas sim o novo que entra em cena como um intruso que o cientista não previa, como um escândalo que leva à reformulação dos princípios anteriormente assegurados. É nesse sentido que o método da ciência é sempre uma abertura à experiência.

Pode-se, então concluir que a ciência, em lugar de ser verdadeira, é idônea, pois o conhecimento se constrói através de etapas, nas quais a eventualidade do novo, do inusitado é sempre acolhida, ao mesmo tempo em que as normas e fundamentos são constantemente refeitos a partir de novos referenciais.

A importância da epistemologia de Bachelard está em mostrar que as transformações sofridas pela ciência contemporânea representam um progresso, pois através delas a razão, retificando-se a si mesma, se alarga, se amplia, alcançando maior coerência, maior objetividade e conseqüentemente maior operacionalidade.

Destacaremos alguns aspectos da epistemologia bachelardiana que poderão nos esclarecer sobre os novos paradigmas de verdade e objetividade que regem a prática científica da atualidade. São eles : *a noção de ciência como fenomenotécnica, a distinção entre verdade e erro e o idealismo discursivo.*

Para Bachelard, a ciência é uma tentativa de aproximação do real. O século XVIII caracterizou-se como uma primeira ordem de aproximação. As geometrias não euclidianas, a mecânica quântica e a teoria da relatividade instauram a segunda ordem de aproximação, tendo em vista que as transformações introduzidas por essas teorias nos conceitos e técnicas e nas determinações materiais e racionais, impondo nova atitude diante do real.

A segunda ordem de aproximação se caracteriza primordialmente por transformar a ciência numa fenomenotécnica. Isso significa dizer

que na prática científica da atualidade o objeto da ciência é da ordem do construído, é um resultado de operações racionais e técnicas, é um artefato. Não há, assim, objeto antes do processo de conhecimento, pois os fenômenos são constituídos pela própria atividade cognoscente. Conforme diz Bachelard:

“A noção filosófica de dado é imprópria para caracterizar o resultado de laboriosas determinações dos valores racionais e experimentais”.<sup>6</sup>

Costuma-se imaginar que um corpúsculo seja um corpo pequeno, mas na verdade o corpúsculo não existe na natureza, surge de uma técnica de produção de fenômenos aliada a elaborações racionais. Assim, a ciência de hoje não tem mais por objetivo a descoberta de fenômenos ou a descrição de leis, sua meta é formular organizações que possam ser concretizadas tecnicamente.

A ciência contemporânea é, pois, uma fenomenotécnica, uma “fábrica de fenômenos,” o que faz com que a noção de verdade como adequação ao real perca o sentido. A afirmação de que a ciência de hoje é uma fenomenotécnica vai implicar na retificação da noção de objetividade, que não pode mais estar fundada sobre a existência de objetos exteriores. A tese bachelardiana toma como ponto de partida que a objetividade não é um dado primitivo, mas uma conquista. O conhecimento científico só encontra sua coerência através de racionalizações e técnicas. Para Bachelard : “o objeto não pode aparecer de imediato como objetivo”(FEC\_282). Se na ciência atual o objeto é um resultado de racionalizações e técnicas, não tem mais sentido se falar em objetividade imediata, mas sim numa objetividade trabalhada, numa objetividade que é conquista, que é processo de objetivação.

O outro aspecto da epistemologia bachelardiana que vamos destacar é a distinção entre verdade e erro. Considerando o progresso científico como descontínuo Bachelard afirma que a distinção entre verdade e erro é uma distinção histórica e não lógica. Assim, o erro deixa de ser um acidente lamentável que deve ser evitado, tornando-se positivo, na medida em que é a mola propulsora do progresso. Para Bachelard, o erro é a verdade de ontem que, tendo sido ultrapassada é vista como erro em função da emergência de novo saber. Nesse

sentido, “não há verdade primeira, mas apenas erros primeiros”

Refletindo-se sobre a distinção entre verdade e erro, chega-se à conclusão sobre profundas mudanças ocorridas no significado de verdade e de objetividade instauradas pelo novo espírito científico. A verdade passou a ser histórica, válida para determinado momento e para certo contexto e a objetividade passou a ser compreendida como processo de objetivação.

O outro aspecto do pensamento bachelardiano, ao qual nos referimos anteriormente, ou seja, o idealismo discursivo, também poderá nos esclarecer sobre os novos parâmetros de verdade e objetividade da ciência atual. No seu artigo intitulado “*Le idéalisme discursif*”, Bachelard faz uma crítica a Descartes, mostrando que nenhuma idéia traz em si a marca de sua objetividade, pois todo pensamento emerge do diálogo, através do qual se vai aos poucos, conquistando o saber objetivo. Nesse sentido, o idealismo imediato, o idealismo do cogito é falível porque, além de tomar a idéia como um absoluto, tem seu ponto de partida em uma intuição global que oferece ao mesmo tempo sujeito e objeto. Para Bachelard, é impossível apreender-se como sujeito puro e distinto, assim como, isolar os centros absolutos de objetivação.

Conforme mostra Bachelard, nenhum conhecimento nos é plenamente dado, nem mesmo o conhecimento do sujeito. Daí não ter sentido o cogito cartesiano. O idealismo imediato do cogito é um idealismo monótono, já que sua única ação é a ação de receber. Bachelard substitui o cogito pelo cogitamus, o idealismo imediato pelo discursivo, mostrando que “o pensamento, começando sempre por um diálogo”, alcança a objetividade através de lentas e difíceis manobras.

Assim, o processo de objetividade e de construção do saber verdadeiro se faz de aproximação em aproximação, pressupondo uma oscilação dinâmica entre subjetivação e objetivação. Como não há verdade primeira mas, apenas, erros primeiros, o saber objetivo procede, numa primeira instância, da eliminação de erros subjetivos e da retificação das ilusões que afetam o sujeito. O espírito conquista a objetividade através de “uma polêmica cheia de argúcias,” recusando a boa fé proveniente da intuição primeira. Por outro lado, a

conquista do saber objetivo impõe, também, que se rompa com o real imediato, afastando as irregularidades da primeira apreensão do objeto, construindo em seguida uma surrealidade. A cultura objetiva se fundamenta, pois, num subjetivismo objetivo.

Pode-se, então, concluir que a construção da verdade é uma conquista árdua e sempre incompleta que supõe uma razão dinâmica e operante, cuja meta é a constante proliferação de novas idéias. Assim, o ideal de cientificidade, que não se fundamenta mais na descrição da realidade, mas sim na coerência racional realizada, impõe que o sujeito alcance a verdade, através de um ato demiúrgico de criação, cujo intuito é acolher o novo no âmbito da razão. Na ciência contemporânea em lugar de falar de verdade e de objetividade, deve-se afirmar que o saber científico constitui “uma objetivação em busca do real”.

Dagognet se impõe no cenário francês da atualidade como o continuador da obra epistemológica de Bachelard. Num congresso realizado em Lyon em 1982 afirma que, embora compactuando com as idéias do mestre, não quis, apenas, repeti-las, pois acredita não ser este o papel do filósofo. Acrescenta que interpretou Bachelard, ou melhor, que o deformou, ousando construir novas idéias.

Dagognet contribui com novas categorias, ampliando o campo da epistemologia. Voltando-se para a reflexão das ciências da vida, mostra que a biologia atual se transformou na biurgia, pois seu objetivo principal é desenvolver uma técnica da vida. A biurgia pôs fim à fisiologia naturalista e contemplativa que a precedeu, cuja meta era apenas descrever o ser vivo. Diz o filósofo:

“(…) o cientista não acompanha, apenas, a vida nas suas manifestações, pode decidir o que é melhor para, a suspender, a corrigir ou a manipular”.<sup>7</sup>

A epistemologia dagogniana faz uma crítica à tradição do ocidente. Mostra que desde suas origens, a filosofia nasceu infectada, na medida em que estabeleceu cisão perigosa ao dividir o universo em dois, separando o sensível e o inteligível. Em lugar de se voltar para o mundo fenomênica, o saber filosófico sempre teve como meta alcançar o Ser oculto que subjaz por detrás do visível. Dagognet

propõe que a substituição do filósofo que pretende ter do mundo uma “sofia,” pela do “filomórfo,” cujo objetivo é se ater à fenomenalidade, ao visível, às configurações espaciais e à arquitetura dos objetos. Seu intuito é resgatar, através da reflexão, os aspectos que foram menosprezados pelos filósofos : a *forma*, o *sensível* e o *corpo*.

A epistemologia dagogniana milita por um hiper-fenomenismo. Propõe que o papel da ciência não deve ser, apenas, o de reduzir o universo a princípios ou fundamentos abstratos, mas sim o de se voltar para a análise das superfícies e explorar as arquiteturas dos objetos. Para ele, a ciência experimental é maculada por uma filosofia perniciosa que recusa o universo colorido e múltiplo em busca de leis universais ou fundamentos ocultos que possam explicá-lo. Conforme mostra Dagognet:

“A maneira pela qual um fenômeno qualquer se dispõe e habita em suas linhas, o tipo de repartição que desenha, nos esclarece sobre a natureza do que é simplesmente exposto.”<sup>8</sup>

Como discípulo de Bachelard, Dagognet também partilha a idéia de construção do objeto científico, mas acrescenta que se deve pensar arquitetonicamente, vetorialmente, ou seja, que se deve traduzir a linguagem das linhas e das formas. Mostra a importância dos naturalistas como Darwin, por exemplo, que se voltando para a arquitetura animal, conseguiram constituir uma filosofia anatômica, através da qual, recolheram indícios marcantes que levaram a hipóteses significativas. Para Dagognet, as ciências se fundamentam na análise morfológica, detendo-se no visível, no aparecer fenomenico, em lugar de almejar aquilo que está oculto.

Com o intuito de refletir sobre a noção dagogniana de verdade e de objetividade, vamos destacar em sua obra dois aspectos primordiais que nos ajudam a compreender melhor o trabalho da medicina contemporânea. São eles : o simbolismo figurativo e a crítica à noção realista de remédio.

Em *Écriture et iconographie*, o filósofo mostra que todas as ciências contemporâneas se beneficiam do simbolismo pictórico e iconográfico. Por todos os lados impõem-se esquemas, desenhos, mapas e trajetórias como meios de racionalização e de objetivação.

A análise da medicina contemporânea torna evidente a importância da representação simbólica, pois hoje se substituiu o método da vivisseção, que permitia explorar as vísceras no seu interior, pela possibilidade de capturar os órgãos à distância, através de instrumentos que os representam por meio de esquemas.

A objetividade da ciência médica pressupõe, assim, a visualização de órgãos do corpo humano, através de aparelhagens técnicas e suas representações por meio de desenhos, trajetórias ou mapas que substituem o órgão mesmo. A medicina atual alcança, pois, a objetividade no diagnóstico, através da leitura de efeitos polimorfos como fibrilações, estracístoles ou ondas diversas. Utilizando-se de uma instrumentalidade associada ao simbolismo figurativo detecta, através de ultrasonografias, de eletrocardiogramas ou outros exames o tipo de lesão, a extensão do problema ou sua evolução cicatricial, podendo não só chegar a um diagnóstico preciso como também iniciar uma terapêutica adequada. Conforme mostra Dagognet:

“O cérebro, o coração, o pulmão \_\_\_\_\_ detentores da vida real \_\_\_\_\_ perdem sua estranheza fantasmagórica, sua obscuridade visceral, tornando-se simples linhas ondulantes.”<sup>9</sup>

Nesse sentido a noção realista de verdade como adequação do pensamento à realidade perde o sentido, pois o objeto da medicina passa a ser da ordem do construído, o que faz com que sua verdade decorra da coerência racional e técnica.

É importante ressaltar alguns aspectos da objetividade resultante desse simbolismo figurativo. Esses esquemas, embora pareçam redutores, não o são, têm função heurística, na medida em que conseguem revelar características que a simples observação seria incapaz de fazê-lo. Além disso, constata-se que quanto mais despojado, mais ligeiro e mais nervoso é o grafismo, mais este favorece a construção de um saber objetivo.

Para Dagognet, a medicina se torna verdadeira e objetiva, pelo fato de se impor como uma ciência de traços, de curvas e de trajetórias que associados a técnica auxiliam na construção do objeto científico, assim como, na compreensão da própria vida. E o mais interessante de tudo é que quanto mais o médico se afasta do órgão mesmo

melhor ele consegue detectar a patologia que o afeta.

Em sua obra *“La raison et les remèdes”* critica a noção realista de remédio, mostrando que a relação “medicamento-cura” não pode ser compreendida num sentido determinista, o que traz profundas modificações na noção de verdade e de objetividade farmacologia.

Para o realista, o remédio constitui medicamento simples e delimitado que consegue neutralizar certas doenças que afetam o organismo. Para que se possa compreender com clareza o racionalismo médico, assim como, a noção de objetividade que fundamenta a terapêutica, torna-se necessário ter em mente que o remédio não é nem uma forma que se possa descrever, nem algo que se possa delimitar. O remédio é, na verdade, um poder hábil que suscita numerosos efeitos e que, sobretudo, compõe com vários outros agentes um objeto por demais complexo. Diz Dagognet:

“Como o amor platônico do Banquete, a matéria médica é filha de Poros e de Penia é movimento infatigável. Por isso, não a devemos “fetichizar” nem a aprisionar numa forma, mas sim, dissolvê-la na corrente de seu próprio dinamismo.”<sup>10</sup>

Dessa forma, chega-se à conclusão de que o rigor terapêutico não pode se exprimir em termos de clareza e distinção cartesianas, o que leva à convicção de que a noção de objetividade, no que diz respeito à terapêutica médica, deve ser refeita.

A maioria das drogas constituem conjuntos, nos quais agem o mesmo e o outro. Medicamentos como a adrenalina, por exemplo, resultam do equilíbrio entre duas forças desiguais : uma constritiva e outra dilatadora. São, nesse sentido, algo mais do que um fundamento ontológico.

A objetividade da terapêutica deve ser alcançada, pois, levando-se em conta que tanto o organismo como o remédio contribuem com suas diversidades e suas potencialidades. Considerando que “o ser do remédio só existe em função de seus efeitos ou de suas virtudes”, a objetividade da farmacologia deve se fundamentar na riqueza das antinomias e das multiplicidades, presentes não só na droga como também no organismo.

Assim, a filosofia farmacológica dagogniana, reconhecendo ser impossível definir rigorosamente

o ser da cura, fundamenta a objetividade terapêutica num trabalho árduo de construção racional e técnica, no qual é considerado de importância capital a polivalência do esquema fisiopatológico. Fundamentando-se numa objetividade dinâmica a farmacologia tem se enriquecido, através de armas autênticas e eficazes. Diz Dagognet:

“A despeito de algumas exceções nenhum absoluto : a farmacopéia é algo incansável e sempre recomeçado. Quando um remédio aparece costuma-se qualificá-lo como causal, como único e como radical, mas na verdade, suas afecções, assim, como suas causas mudam por si mesmas.”<sup>11</sup>

Conforme mostra Dagognet, a razão biomédica atual alcança o saber objetivo por sua índole demiúrgica, que permite que esta substitua o corpo humano pelo simbólico, tornando-o, assim, mais exposto. A busca do elixir miraculoso que curaria as patologias que afetam o organismo deixa de ser o sonho dessa razão artesã que se satisfaz agora em simplesmente controlar e amenizar determinadas patologias que afligem o homem. Para Dagognet, a ciência de hoje se mostra como :

“o espetáculo de um real conquistado, voluptuoso mesmo, mas evanescente, por sua vez precioso e não essencial que, por ter perdido sua consistência ontológica tornou-se cada vez mais exposto”.<sup>12</sup>

O idoneísmo de Gonthier, a epistemologia histórico-crítica de Bachelard e a neo-epistemologia de Dagognet militam por uma filosofia aberta e dinâmica que aponta para a liberdade, ao mesmo tempo em que mostra os limites do empreendimento científico. Há, naturalmente, toda uma série de interdições. Sabemos, por exemplo, que não podemos triunfar sobre a morte, que jamais conheceremos com exatidão o sentido da vida ou a essência da matéria. Conscientes da impossibilidade da ciência de refletir sobre tais temas, o homem contemporâneo deixa que estes sejam privilégio das formas intuitivas do saber ontológico. A importância do idoneísmo gonthieriano e dos pensamentos bachelardiano e dagogniano reside no fato de dessacralizar a razão. Esses pensadores mostram a razão como atividade eminentemente humana que se exercita no âmbito da pluralidade, da diversidade e da história, mas que nem por isso deixa de

construir tecituras racionais verdadeiras, que, embora provisórias demonstram a capacidade criativa da razão humana. que, num processo lúdico de construção surreal, constrói e renova incessantemente o mundo, fazendo da ciência aventura ousada e eficaz, verdadeiro ato prometeico.

A razão científica, com sua índole demiúrgica, galga caminhos sinuosos, pondo-se à serviço das forças de criação e liberdade, mostrando um real que, envolvido nas tecituras de nosso discurso provoca a renovação incessante do homem e do mundo.

#### NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) DELACAMPAGNE, C. - Sobre a natureza do real, in "A ciência em ação" de Claude Chrétien, São Paulo, Papirus Editora, 1970, pag. 201.
- (2) BACHELARD, Gaston - Le nouvel esprit scietifique, Paris, PUF, 1934, pag 26
- (3) JORGE, Maria Manuel - Ce que Ferdinand Gonseth à dire à l epistémologie contemporaine in Dialectica, vol. 44 fasc.3-4, 1990, pag. 297.
- (4) ORY. André - Aux confins du monde physique et du monde psychique in Dialectica, vol. 44 fasc.3-4, pag. 234.
- (5) GONSETH, F. - Le référéncie, lunivers obligé de médiation, Lausanne, Editions l Age de d Homme, 1975, pag.31.
- (6)BACHELARD, Gaston - L activité rationaliste de la physique contemporaine, Paris, 1950, pag 38.
- (7)DAGOGNET, François - La raison et les rêmèdes, Paris, PUF, 1964 pag.
- (8) \_\_\_\_\_ - L Épistémologie de l espace concret, Paris, J. Vrin, 1972, pag. 123.
- (9)\_\_\_\_\_ - Écriture et Iconographie, Paris, 199, pag. 87.
- (10)DAGOGNET, François - La raison et les rêmèdes, Paris, J. Vrin, 1964, pag. 21.
- (11) \_\_\_\_\_ - La raison et les rêmèdes, Paris, J. Vrin, 1964, pag. 323.
- (12)\_\_\_\_\_ - La raison et les rêmèdes, Paris, J. Vrin, 1964, pag. 55.